



ARANTES, Luiz Humberto Martins. Memória e cena: entre teorias da lembrança e do esquecimento. Uberlândia/MG: UFU; Professor Associado; Dramaturgista/Diretor.

RESUMO

Esta proposta de comunicação pretende apresentar debates que tem ocorrido, tradicionalmente e nos dias atuais, acerca da questão da memória. Observar que este campo de estudos tem se notabilizado por um debate, em várias áreas do conhecimento, o que envolve pensamentos que localizam a memória como uma potencialidade humana calcada na lembrança, mas também sublinhar a existência de caminhos de reflexão que a definem a partir da idéia de esquecimento. Neste sentido, ambas podem dialogar com a cena teatral nas suas múltiplas possibilidades: tema dramático, biografias em cena, e tantas outras, como por exemplo, a relação entre memória e história.

PALAVRA CHARVE: Memória:história:teatro

ABSTRACT

This proposal intends to present discussions of communication that has been traditionally and today, on the question of memory. Note that this field of study has been notable for a debate in several areas of knowledge, which involves thoughts that locate memory as a human potential grounded in memory, but also to highlight the existence of paths that define reflection from the idea of oblivion. In this sense, both can talk eat theatrical scene in its many possibilities: dramaturgical theme, biographies on the scene, and many others, such as the relationship between memory and history.

KEYWORDS: Memory:history:theater.

Ultimamente venho me interessando por amplas discussões sobre memória. Tenho ampliado estes estudos de memória e tentando entender sua manifestação em outros suportes existentes, o que inclui os registros verbais, visuais e também os gestuais/corpóreos.

A questão da memória tem se tornado uma temática que sempre retorna. Atualmente, muitas áreas do conhecimento tem se dedicado a estes estudos. Áreas médicas, como a neurologia, dentre outras, faz séculos vem tentando decifrar os mecanismos de funcionamento da memória. Em seus primeiros avanços concluiu-se que a memória, no âmbito do cérebro funciona por mecanismos sinalizatórios, ativados por neurotransmissores, provocadores de processos sinápticos. É o estudo das estruturas internas do corpo colaborando

para o entendimento de que “Num sentido amplo a aprendizagem e a memória são centrais para nossa própria identidade. Elas estão por trás daquilo que somos (KANDEL, 2006, 135).

Os avanços da biologia molecular tem se centrado também nos estudos da memória, uma vez que a grande pergunta, que se faz atualmente, se trata dos rastreamentos e decifrações do DNA humano e animal, ou seja, como a informação hereditária (memória genética) é transmitida por meio dos genes. O que tem resultado em importantes estudos a respeito da memória de curto e de longo prazo.

Em virtude do tempo, não irei avançar mais por aqui, mas poderia citar também os estudos empreendidos Antônio Damásio e Oliver Sacks, neurologistas que, dentre tantos relatos médicos, sempre nos narram casos de pacientes em que a memória – ou a ausência dela - os coloca na encruzilhada do biológico e do social.

Mas há que se entender, também, os estudos e a definição de memória social nos seus aspectos individual e coletivo. Neste sentido é o sociólogo e pensador da cultura oral Michael Pollak quem nos situa, pois na sua perspectiva é a tradição historiográfica e filosófica francesa quem tem deixado importantes contribuições, a começar pelas idéias de Pierre Nora, a respeito da definição de memória, na qual todos os monumentos podem ser definidos como *lugares de memória*. Assim sendo, porque não pensar que todo e qualquer vestígio passado deixado pelo ser humano não possa também ser um *lugar de memória*.

Os indivíduos como portadores de memória também foram muito estudados pelos franceses, foi Maurice Halbwachs que na década de 1920 escreveu o livro *A Memória Coletiva*, quando sublinhou as intrínsecas ligações entre a memória do indivíduo e a memória da coletividade da qual participamos. Neste sentido a memória passou a ser observada na longa duração, o que levou a memória a ser pensada como importante elemento na constituição da memória nacional. Assim, a priori a memória parece algo individual, mas Maurice Halbwachs ampliou isto, ao falar de uma memória coletiva. Há que se entender a memória como fenômeno construído coletivamente e sujeito a mudanças. Neste sentido, a memória individual seria uma perspectiva da memória coletiva.

Michael Pollak nos apresenta ainda uma importante subdivisão para entendermos os elementos constituintes da memória individual e coletiva, quais sejam: i) Lembramos acontecimentos vividos individualmente e os acontecimentos vividos pelo grupo ao qual se pertence; ii) A memória de pessoas e personagens, pessoas conhecidas ao longo da vida ou personagens que não vivemos mas estão em nossas vidas; iii) Mas memória também é constituída por lugares: lugares ligados à lembrança (coletiva ou individual), lugares longínquos podem alimentar a lembrança da pessoa, ou um lugar da infância, sem ter relação com cronologia.

Herdamos uma memória genética, mas também participamos de uma memória histórica. Portanto, a memória é um fenômeno construído, por meio de muitas lutas políticas. Lutas sim, para ter poder na definição sobre o que deve e o que não deve ser lembrado.

Mas esta insistência da memória como lembrança nem sempre foi assim, o homem nem sempre foi memória, lembrança, preocupação com guardar o que se vive no presente ou guardar os registros do mesmo. No campo da filosofia foi Nietzsche quem nos provocou a pensar a memória também como esquecimento, como apagamento necessário. Para ele, o homem, em sua natureza, em seus traços mais instintivos tem o esquecimento como força corporal primária e vital. Assim, o esquecimento é que deveria ser exaltado. (NIETZSCHE, 1998: 47-48).

Esquecimento como 'força corporal' sim, bem sublinhado, pois para Nietzsche, o esquecimento possibilita o descanso, o relaxamento. É no esquecimento que liberamos a experiência do já vivido, deixando espaço para florescer o novo. De maneira que lembrar e esquecer são igualmente importantes e necessários à vida.

Mas, em Nietzsche, a escolha é pela recuperação e valorização do esquecimento, que deve ser visto como força positiva, em que esquecer não é sinônimo de ausência, mas sim de afirmação.

Nietzsche nos faz pensar acerca de uma tradição de pensamento que cultiva e que celebra o lembrar, mas que também seleciona o que deve ser lembrado e por vezes engessa o passado, não permitindo o surgimento do novo. Aqui, uma clara crítica ao positivismo do século XIX e à sua celebração de um

passado como 'ciência dura' cuja função primeira seria celebrar importantes nomes e datas.

Assim, surge a possibilidade do esquecimento. Mas na história do homem o esquecimento vem sendo visto como força inibidora, o convívio em sociedade fez com que o homem se lembrasse e difundisse ritos, rotinas e, como escreve Nietzsche, se tornasse previsível e confiável. A vida coletiva apresenta ao homem e seus membros a necessidade de prever e organizar seus atos, seus afetos e, em virtude disso, levado a celebrar, memorizar a coletividade.

Desde então, comprometido com esta coletividade, os impulsos naturais - dentre eles o esquecimento - passam a ser vistos de maneira diferente. Não se pode esquecer, relaxar, o que o resguarda das ameaças e inseguranças. Surge assim, a urgência da memória, uma exceção à natureza humana, uma faculdade criada e aprimorada. Oriunda de pressões sociais pela lembrança. A partir deste momento transformador, a memória faz parte da vida do homem. Mas, Nietzsche sublinha, o excesso de memória é um fardo, no entanto, não propõe o esquecimento total, apenas sugere estados de suspensão, momentâneos.

Todo este debate a respeito da memória como lembrança e da memória como esquecimento é de suma importância para o artista cênico, no âmbito da formação universitária e profissionalizante. No primeiro caso, da memória como lembrança, nota-se que ela tem seu lugar e sua importância na formação do ator, do atuator, do bailarino ou performer - ou como queiram nomear. É a memória do passado cênico que permite trazer aos atuais estudos das artes cênicas os nomes de Stanislavski, Brecht, Meyerhold, Grotowski, Laban, Nijinski, Pina Bausch, dentre tantos outros. É de suma importância lembrar estes nomes e seus processos, escolhas - e porque não dúvidas -, o que nos leva para a afirmação da necessidade do passado, de dada tradição, ou seja, da memória.

Por outro lado, é importante também que o artista cênico tenha a noção, a voracidade e a valoração da capacidade de esquecer, saber partir de si. Não deixar que o peso do passado e da tradição pese seus ombros tornando impossível o movimento, a experimentação, o jogar-se em busca do novo, que nem sempre deve depender das luzes e do passado como fardo. O novo deve trazer as novas energias da inovação, construidoras das inúmeras possibilidades de instauração do presente e de projeção de futuro.

No teatro Stanislavski já nos falou da importância da memória emotiva para a formação do ator e para a construção da personagem. Nas artes cênicas e coreográficas parece-me que a memória possui muitas necessidades, para além do sentido pragmático mesmo, pois auxilia o ator/performer/bailarino a lembrar seus movimentos, mas também no sentido identitário. Lembro aqui da Companhia Balé de Rua, originária de minha região, que parece ser um exemplo interessante desta articulação memória social, memória e criação e memória e identidade. Pois vejo ali um corpo extremamente conectado com uma origem social e que processa não só a origem, mas a memória ancestral desta origem, hibridizando-a com a idéia mestiça de uma cultura brasileira miscigenada.

Esta discussão é com certeza muito mais ampla e será tratada em espaços posteriores como artigos para revistas e coletâneas, mas, para estes anais da Abrace, estas idéias pontuais sintetizam o complexidade do tema e a necessidade de outros mergulhos.

Referências:

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Vértice, 1990.
- KANDEL, Eric. *Em Busca da Memória*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.
- SANTANA, Leila Navarro de. Memória: construção sangrenta. *Revista Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Conhecimento e Sociedade*. Rio de Janeiro, n. 6, 2005.